

OS SENTIDOS DE LITERATURA NEGRA NO ACONTECIMENTO ENUNCIATIVO

Florisbete de Jesus Silva (UNICAMP e FNSL)
florisbete@gmail.com

RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar os sentidos de *literatura negra*, na enunciação da pesquisadora, professora e escritora Conceição Evaristo e do jornalista e escritor Oswaldo de Camargo, e os memoráveis a que tais sentidos estão atrelados. Para tanto, serão selecionados recortes de entrevistas publicadas no YouTube, tomando como referencial teórico analítico a Semântica do Acontecimento, teoria enunciativa desenvolvida pelo linguista brasileiro Eduardo Guimarães (2005 [2002]; 2018), a qual parte do princípio de que a constituição do sentido é histórica e que a relação do sujeito com a língua ocorre no acontecimento do dizer, lugar de conflitos em que os falantes são figuras políticas, agenciados pela cena enunciativa, espaço de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento que constitui os modos de acesso à palavra.

Palavras-chave:

Sentidos. Acontecimento enunciativo. Literatura negra.

ABSTRACT

The purpose of this work is to analyze the meanings of *black literature*, in the enunciation of the researcher, teacher and writer Conceição Evaristo and the journalist and writer Oswaldo de Camargo, and the memorable ones to which such meanings are linked. To this end, snippets of interviews published on YouTube will be selected, taking as an analytical theoretical reference the Semantics of the Event, an enunciative theory developed by the Brazilian linguist Eduardo Guimarães (2005 [2002]; 2018), which assumes that the constitution of the meaning is historical and that the subject's relationship with language occurs in the event of saying, a place of conflicts in which speakers are political figures, brokered by the enunciative scene, space for the distribution of places of enunciation in the event that constitutes the modes of speech word access.

Keywords:

Meanings. Black literature. Enunciative event.

1. Introdução

O termo *literatura negra* tem sido cada vez mais usado na atualidade por intelectuais e ativistas pretos e pretas, visando não apenas à valorização do trabalho de escritores e escritoras negros/as, como também a discussão sobre a importância da representatividade negra na literatura, principalmente a brasileira, tão marcada pela exclusão histórica dos sujeitos negros em suas obras, seja por meio da invisibilidade, seja pela criação de

personagens que ocupam lugares caracterizados pela subalternidade e inferiorização.

A *literatura negra*, segundo pesquisadores/as e escritores/as negros/as, a exemplo de Conceição Evaristo (Cf. BRITO, 1996), apresenta uma conexão entre ficção e realidade, uma vez que em cada escrita as histórias do povo negro estão intrincadas, seus movimentos de resistência são registrados, trazendo para a visibilidade acontecimentos e protagonismos que foram excluídos dos textos apresentados na escola. Existe, nessa literatura, uma junção entre a vida do personagem e a vida do escritor. As dores e a luta não são apenas da ficção, elas também retratam experiências vividas pelo autor da obra literária, o qual, como afirma Conceição Evaristo, marca sua criação com a *escrevivência*, uma vez que escreve o que seu povo viveu e vive, ou que ele mesmo vivencia.

Partindo dessa significação, analisaremos os sentidos de *literatura negra*, compreendendo que o processo de produção desses sentidos constitui a história, como memória, e o social, que possibilita pensar a língua em funcionamento (Cf. GUIMARÃES, 1989).

2. A constituição histórica dos sentidos

Segundo Guimarães (2005 [2002]; 2018), os sentidos são produzidos em sua relação com a história e com os sujeitos constituídos na e pela linguagem no acontecimento enunciativo. A enunciação, para o autor, é um acontecimento sócio-histórico onde se dá a relação do sujeito com a língua, e deve acontecer em um espaço em que haja possibilidade de se pensar como o sentido se constitui historicamente.

O acontecimento não se configura por um tempo linear, caracterizado pela marcação de passado e futuro, e sim por uma temporalidade em que se recorta um memorável, compreendido como rememoração de enunciações. A partir desse memorável, projeta-se uma futuramente que aponta para diversas possibilidades de interpretações. É essa futuramente que possibilita o acontecimento da linguagem, é nela que o acontecimento significa, uma vez que abre o lugar dos sentidos. Desse modo, o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um espaço novo onde os tempos se entrecruzam, criando condições para o sentido, para a enunciação (Cf. GUIMARÃES, 2005 [2002], 2018).

É o acontecimento que, por ser constituído de um passado de sentido relacionado com o presente, faz com que os enunciados – entendidos

como elementos que integram um texto e que significam para além das situações empíricas – tenham significados diferentes. No acontecimento, os sentidos significam algo do real, formam-se e se transformam em outros sentidos, dividem-se, entram em conflito, e é esta situação conflituosa que o torna político (Cf. GUIMARÃES, (GUIMARÃES, 2005 [2002], 2018).

Para o autor, a significação ocorre mediante a relação linguística simbolicamente remetida ao real, tomada na história. Desse modo, um nome é designado não a partir do seu sentido denotativo, mas pela relação de sentidos que ele estabelece com outros nomes, em um acontecimento enunciativo (Cf. GUIMARÃES, 2005 [2002], 2018).

3. A análise

As enunciações sobre *literatura negra* são analisadas neste trabalho mediante utilização dos procedimentos de reescrituração, articulação e o Domínio Semântico de Determinação (DSD), com o objetivo de compreender as relações de sentido construídas no acontecimento do dizer.

Segundo Guimarães (2007, p. 84), a reescrituração é “o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito, fazendo interpretar uma forma como diferente de si”. Ela põe em funcionamento uma predicação em que, “no fio do dizer, uma expressão se reporta a outra, pelos mais variados procedimentos, dentre eles a repetição, a substituição, a elipse, a expansão, a condensação e a definição”.

Para melhor compreender o processo de reescrituração, analisamos uma enunciação do escritor Oswaldo de Camargo, extraída de uma entrevista concedida a Milton César Nicolau, do Portal Afro:

[...] ter talento não basta para ser escritor. Existe todo um aparato para chegar a ser um bom escritor. É preciso saber entender o termo de uma palavra. A palavra pesa. A diferença entre a palavra "bela" e "bonita" pode modificar totalmente o sentido de um texto. O escritor é um alquimista do verbo. Ele tem o dom da mágica, é um demiurgo, cria um mundo com palavras. Para se fazer isto tem que se preparar, "ter a chave", e isto passa pela observação da obra dos outros, pela leitura, pela obsessão por alguns textos que marcaram sua vida. Até para imitar... Não existe um escritor sem outro escritor. (CAMARGO, 2000, *on-line*)

O primeiro enunciado [*ter talento não basta para ser escritor*] é uma *reescrituração por condensação*, já que resume a ideia acerca das qualidades que um bom escritor deve possuir. Após este primeiro enunciado, os demais aparecem reescriturados pelo procedimento de *expansão*,

uma vez que Camargo amplia o já dito, enumerando as características que significam aquele que é considerado bom na escrita literária: É preciso saber entender o termo de uma palavra; tem o dom da mágica; cria um mundo com palavras; tem que se preparar; observar a obra dos outros, pela leitura, pela obsessão por alguns textos que marcaram sua vida. Também está em funcionamento, nesses enunciados, uma reescrituração por definição, com a função de predicar quem é considerado um bom escritor: é um alquimista do verbo; é um demiurgo.

O substantivo *chave*, na expressão “ter a chave”, marca uma *reescrituração por substituição*, uma vez que ocupa o lugar do conhecimento sobre a escrita, como demonstra outra reescritura por substituição – isto (a chave) –, seguida das ações apontadas para conquistar tal conhecimento: *observação, leitura, obsessão* por textos. A *reescrituração por elipse* funciona, por exemplo, no enunciado *tem que se preparar*, cujo verbo na terceira pessoa do singular aponta *escritor* como sujeito elíptico.

Por fim, o substantivo *palavra* marca a *reescrituração por repetição*, com sentidos diferentes funcionando na enunciação. Na expressão *uma palavra*, o sentido está relacionado a um elemento linguístico que compõe um texto. Já em *a palavra “belo” e “bonito”*, “palavra” tem o sentido de adjetivo. Há um funcionamento diferente no enunciado *a palavra pesa*, o qual se articula com o modo como o dizer produz futuridade, é constituído de sentidos.

O autor ressalta que a reescrituração liga elementos de um texto com outros inseridos no mesmo texto, e ao retomar um elemento, este já não apresenta o mesmo sentido. Através dela, a enunciação de um texto rediz aquilo que já foi dito, significando o seu presente na temporalidade do acontecimento, atribuindo sentidos diferentes ao reescriturado. Tais sentidos são constituídos na relação entre as expressões do texto, não apenas no funcionamento do enunciado (Cf. GUIMARÃES 2007).

No procedimento de articulação, as relações semânticas são estabelecidas pela forma como os elementos linguísticos dão sentido a outros elementos em sua proximidade, mediante agenciamento enunciativo. A articulação pode ocorrer de três modos distintos: por *dependência*, por *coordenação* e por *incidência* (Cf. GUIMARÃES, 2009). Segundo o autor, na articulação por dependência, os elementos são organizados por uma relação de sentidos que os constitui como se fossem uma só unidade (é o que podemos ver, por exemplo, na expressão linguística *literatura de resistência*, em que o complemento nominal *de resistência* está vinculado ao

substantivo *literatura*, apresentando-se como se fosse um só elemento). Na articulação por coordenação, os elementos estão organizados como se fossem um só da mesma natureza (a exemplo de *literatura negra, representatividade e resistência*). Já na articulação por incidência, a relação entre elementos linguísticos de natureza distinta aponta para um novo elemento (como exemplo, se afirmarmos que *até a escola se eximiu de trabalhar com a literatura negra*, o advérbio *até* aponta para o sentido de que a instituição escolar não deveria agir desse modo).

O Domínio Semântico de Determinação (DSD), segundo Guimarães (2005 [2002]), é o procedimento que explica como funciona o sentido da palavra no texto, mediante a relação enunciativa que ela mantém com outras palavras, ali também funcionando. Segundo o autor, para dizer o sentido de uma palavra é necessário estabelecer o seu DSD. Para isso, é preciso se atentar para o funcionamento da palavra no texto em que ela aparece, suas relações com as outras palavras que ali estão, pois são essas relações que constituem o seu sentido. Tais relações são marcadas pelos sinais indicadores de determinação ($\perp$, $\perp$, $\top$, $\vdash$), de antonímia (____) e de sinonímia (-----).

Guimarães (2005 [2002]; 2012) define o espaço de enunciação como cena enunciativa, um espaço constituído por figuras de enunciação agenciadas a falar de um determinado modo e lugar no acontecimento. Assim, há uma divisão do sujeito-falante em Locutor, que se representa como fonte do dizer, o qual é predicado a falar do lugar social (locutor-x), cuja enunciação mobiliza um modo de dizer que pode estar associado a um enunciador individual (como se fosse independente da história), a um enunciador genérico (produzindo um sentido de evidência, como se o que diz é de conhecimento de todos), a um enunciador universal (que representa o lugar que garante a verdade sobre algo), ou a um enunciador coletivo (representando a voz de uma coletividade).

Passemos, agora, para a análise dos modos de significação do nome *literatura negra*. Para tanto, utilizamos recortes das entrevistas, os quais são definidos pela teoria à qual nos filiamos como “fragmentos do acontecimento da enunciação, formas linguísticas que aparecem como correlacionadas em virtude de terem uma mesma relação com o acontecimento, independentemente da posição na sequência” (GUIMARÃES, 2010, p. 23).

Para analisá-los, consideramos que os sentidos estão sempre em movimento no texto, em um processo no qual esses recortes são descritos, revisitados, inter-relacionados, “até que a compreensão produzida pelas

análises se mostre suficiente para o objetivo específico da análise” (GUIMARÃES, 2010, p. 23-4).

O primeiro recorte apresenta uma definição de *literatura negra*, apresentada pela professora, escritora e pesquisadora Conceição Evaristo:

Recorte 1: Literatura negra é uma produção literária em que tanto o sujeito como o objeto da escrita é o próprio negro, homens e mulheres, que vão criar seus textos literários a partir de uma subjetividade negra. (...) é uma escrita que parte da nossa experiência, comprometida com a nossa oralidade, que traz o nosso posicionamento, a maneira do sujeito negro se colocar no mundo, interpretar a vida, interpretar as suas alegrias, as suas dores (BRITO, 2015, *on-line*).

Recorte 2: [...] O meu texto, tanto o texto literário quanto o texto ensaístico, a poesia, a prosa, nasce profundamente marcado pela minha experiência de mulher negra na sociedade brasileira. É uma escrevivência que se dá, realmente, através dessa vida, que é a vida do povo negro, homens, mulheres, crianças. O meu material literário é um material que está profundamente ligado às experiências dessa coletividade negra (BRITO, 2020, *on-line*).

Na cena enunciativa do recorte 1, há um agenciamento do Locutor, para falar do lugar social de locutor-pesquisador, associado a um enunciadador-universal, já que seu dizer traz uma definição de *literatura negra* que se significa como o lugar que garante a verdade. Esse lugar da ciência literária predica a *literatura negra*, por meio de uma reescrituração por definição, como “uma produção literária em que tanto o sujeito como o objeto da escrita é o próprio negro, homens e mulheres”. A enunciação é marcada por outras predicções que podem ser apresentadas no seguinte DSD:

DSD 1 – Cena enunciativa recorte 1

subjetividade negra, compromisso com a oralidade

└

personagens negros ─ LITERATURA NEGRA ─ autoria negra

┐

experiência, posicionamento, interpretação da vida, das alegrias, das dores

Onde se lê: *subjetividade negra, oralidade, personagens negros, autoria negra, experiência, posicionamento, interpretação da vida, das alegrias, das dores, determinam literatura negra.*

As relações de sentido articuladas no DSD significam *literatura negra* como o lugar da “subjetividade”, do “compromisso com a oralidade”, de “autoria negra”, do protagonismo e da representatividade do povo negro, por meio da criação de personagens que aparecem na escrita como sujeitos que contam suas histórias, não mais como figurantes. Tais

sentidos produzem uma oposição em relação a uma literatura que, segundo pesquisadores/as negros/as, a exemplo de Brito (1996) e Kilomba (2019), privilegia a cultura, a história de pessoas não negras, legitima os padrões literários estabelecidos por esse grupo, excluindo as tradições orais, as experiências históricas do povo negro, sua subjetividade, criando para as pessoas negras espaços em que são meros figurantes sobre os quais se diz algo, não sujeitos do dizer.

Ao enunciar que a *literatura negra* traz o “posicionamento do povo negro”, a “maneira como o sujeito negro se coloca no mundo”, o locutor-pesquisador aponta para o sentido de que essa literatura se torna a voz desse povo, um mecanismo de luta e de resistência, de representatividade, como uma forma de combate a uma ausência histórica. É possível inferir, analisando o funcionamento dos enunciados “parte da nossa experiência, interpretar a vida e interpretar as suas alegrias, as suas dores”, que ficção e realidade se entrelaçam na narrativa. Em outras palavras, esses enunciados produzem sentidos de que a vida dos sujeitos negros, autores e não autores, crianças, adolescentes, homens e mulheres, está inscrita nesse dizer literário, produzindo outras significações para a sua existência e para a sua história.

Na cena enunciativa do recorte 2, *literatura negra* tem o seguinte DSD:

DSD 2 – Cena enunciativa recorte 2

meu texto, meu material literário, texto literário

⊥

minha experiência de mulher negra | LITERATURA NEGRA-----
ESCREVIVÊNCIA

⊥

experiências da coletividade negra

Onde se lê: *meu texto, meu material literário, texto literário, minha experiência de mulher negra, experiências da coletividade negra* determinam *literatura negra*, que é sinônimo de *escrevivência*

O Locutor, agenciado a dizer do lugar social de locutor-escritor, ancorado no enunciador-individual, modo de dizer que se coloca independente da história, substitui, pelo procedimento de reescrituração, o nome *literatura negra* por “meu texto”, “texto literário”, “meu material literário”. O pronome possessivo (meu) produz uma divisão de sentidos no acontecimento do dizer, uma vez que pode significar tanto a autoria quanto a própria vida dessa mulher negra escritora que pode se enxergar, em alguns pontos, nas trajetórias percorridas por seus personagens.

Esses sentidos podem ser reiterados no enunciado “nasce profundamente marcado pela minha experiência de mulher negra na sociedade brasileira”, em que mais uma vez aparece um pronome possessivo (minha), agora atrelado ao substantivo “experiência”, marcado por um complemento nominal cujo funcionamento inclui as demais mulheres negras. O adjunto adverbial “na sociedade brasileira” produz o sentido de que essa experiência é histórica, representa a vida de toda mulher negra, brasileira ou não, da atualidade ou de tempos já vividos. É uma experiência da “coletividade negra”. E assim, a *literatura negra* é constituída por mais um sentido: “escrevivência”, que por sua vez é definida como “a vida do povo negro”.

Seguindo a análise, o complemento nominal “povo negro” funciona como uma reescrituração por condensação que se articula com “homens, mulheres, crianças”, substantivos que reescreveram por expansão esse povo, identificando os sujeitos que o constituem. Relacionando a expressão “a vida”, funcionando, de forma generalizada, com o enunciado “experiências dessa coletividade”, identificamos que o sentido atrelado a essas experiências as aproxima não apenas do percurso individual desses sujeitos, mas da vivência de todos eles, do processo histórico que atravessa a sua trajetória.

Como afirma Scott (1998), é uma experiência historicizada, que se apresenta como testemunho subjetivo. Uma experiência que, segundo Souza (2021 [1983]), é “matéria-prima” que possibilita o resgate da história, a recriação de si mesmo e das suas potencialidades, a construção da sua identidade.

A vida, a experiência, a história do povo negro são elementos que também aparecem na definição criada para *literatura negra*, pelo jornalista e escritor Oswaldo de Camargo. Vejamos:

Recorte 3: [...] me perguntaram sobre literatura negra. “Por que literatura negra, e não se fala em literatura branca?” A literatura negra, quer dizer a literatura de negros, feita por negros, falando da sua realidade, da sua história, do seu pensamento, do que ele espera para o futuro, é uma das ferramentas maiores, melhores, para tentar remediar, consertar isso que está aqui. [...] Entre as várias experiências que eu tenho, também existe uma experiência única, eu sendo como um homem negro. [...] A literatura negra é uma literatura em que o preto vê a sua história, ele vê o mundo que o cerca e examina o seu país sob uma olhada, uma visão de alguém que, apesar de tudo, depois de tanto tempo, até hoje, tem um país em que se fala a palavra racismo. Os demais autores têm sua importância, mas a Literatura Negra só o negro pode escrever, porque tem a experiência de ser negro [...] porque só ele vive as consequências de uma história mal feita, ele que sabe

de si, da sua família então esta é a Literatura Negra, uma literatura feita por negro, em que ele escolheu, entre os muitos temas de que ele poderia tratar, ele escolheu a questão de ser um negro. (CAMARGO, 2020, *on-line*)

Agenciado a falar do lugar social de locutor-escritor, Camargo apresenta uma oposição entre *literatura negra* e *literatura branca*, que pode ser melhor demonstrada no seguinte DSD:

DSD 3 – Cena enunciativa recorte 3

autoria negra

⊥

literatura de negros ⊥ LITERATURA NEGRA ⊥ realidade do negro,
experiência

⊥

história, pensamento, questão negra

LITERATURA BRANCA

Onde se lê: *autoria negra, literatura de negros, realidade do negro, pensamento, experiência, história, questão negra*, determinam *literatura negra*, criando uma oposição em relação à *literatura branca*, cujas determinações estão atravessadas por um apagamento atravessado por sentidos.

As determinações construídas para *literatura negra* estabelecem o conflito no espaço de enunciação, compreendido pela teoria à qual nos filiamos como o lugar em que os sujeitos disputam o direito de dizer – por isso é um lugar de resistência, de inclusão e exclusão, de embates em prol da afirmação de pertencimento (Cf. GUIMARÃES, 2005 [2002]). Esse conflito funcionando na enunciação do locutor-escritor produz uma divisão entre as duas literaturas.

Na primeira, predicada por “autoria negra, literatura de negros, realidade do negro, pensamento, experiência, história, questão negra”, há o funcionamento do sentido de que o sujeito negro tem acesso ao objeto do dizer, tem direito à voz, a escrever sua narrativa, ocupando, agora, o lugar de protagonista. Na segunda, há uma ausência produzindo o sentido da exclusão, da falta de representatividade do povo negro.

Na reescrituração por substituição para *literatura negra* (“literatura de negros”), o complemento nominal, atrelado ao substantivo “literatura”, provoca uma dispersão de sentidos na cena enunciativa, uma vez que tanto pode indicar “escrita por negros”, quanto “escrita para negros” e “escrita sobre negros”. Desse modo, o funcionamento da língua significa essa escrita literária como uma escrita de inclusão, de reconhecimento e valorização do povo negro. O dizer do locutor-escritor, ao destacar que a *literatura*

negra fala “da realidade, da história, do pensamento” do povo negro, do que “ele espera para o futuro”, aponta para a conclusão de que esse povo foi invisibilizado também pelo cânone literário brasileiro, por meio de um processo de apagamento histórico das suas tradições, da sua cultura, das suas experiências, luta e resistência.

Essa conclusão pode ser sustentada pela proposta de mudança que se inscreve nos verbos “remediar” e “consertar”, nos enunciados “para tentar remediar, consertar isso que está aqui”. Assim sendo, é possível inferir que a *literatura negra* é também um ato de resistência ao modo como o cânone literário brasileiro – reescriturado pelo pronome demonstrativo “isso” – está estruturado, uma vez que, na “literatura feita por negros”, os sujeitos negros assumem a autoria das narrativas das suas histórias, rejeitando o papel de objeto de estudo de uma minoria não negra, bem como a invisibilidade produzida pela escrita dessa minoria.

Frente a essas relações de sentido que se articulam nas determinações apresentadas no DSD, é possível afirmar que, assim como nas enunciações de Conceição Evaristo, no dizer de Oswald de Camargo também há uma defesa de que nas narrativas de autoria negra realidade e ficção estão intrincadas, porque as experiências históricas vividas pelos autores, sujeitos negros, perpassam suas escritas. Como afirma o locutor-escritor, “é uma literatura em que o preto vê a sua história”, por isso “só o negro pode escrever, porque tem a experiência de ser negro”.

Seguindo a análise, as predicções que determinam *literatura negra*, no dizer do locutor-escritor, frente à ausência delas, no que diz respeito à *literatura branca*, produzem sentidos que apontam para a não representatividade negra no cânone literário brasileiro, uma vez que a resposta dada à pergunta “Por que literatura negra, e não se fala em literatura branca?” apresenta um silêncio em relação a esta última, mas um silêncio que significa, que “mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados, que nos faz entender uma dimensão do não dito”; um silêncio que “atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro” (ORLANDI, 2007, p. 12; 14).

Nesse sentido, o espaço vazio que se apresenta no DSD, em relação à *literatura branca*, traz para o presente do acontecimento, memoráveis da tentativa de apagamento da autoria negra na literatura brasileira, de obstáculos criados para que escritores/as negros/as tenham suas obras publicadas, de exclusão do protagonismo negro nas narrativas, já que os/as personagens/as pretos/as estão em condição de subalternidade.

Desse modo, é possível dizer que a *literatura branca* é de autoria branca, cuja narrativa privilegia a história, a cultura, as experiências de pessoas não negras da sociedade brasileira, enquanto que a *literatura negra* é a contraposição dessa narrativa, não diminuindo o seu valor, mas apontando lacunas que precisam ser problematizadas, uma falta que pode ter contribuído para que, como diz o locutor-escriptor, ainda vivamos em um país em que “até hoje, se fala a palavra racismo”.

6. Considerações finais

As análises demonstram que a designação *literatura negra* estabelece uma relação de sentidos com a história, as tradições, as experiências vividas pelo povo negro, não só de dores, mas também de luta e resistência, de autoria na construção da sociedade brasileira.

As significações construídas no dizer dos locutores, para essa escrita de autoria negra, a definem como uma literatura da subjetividade negra, cujo compromisso é mostrar o povo negro na posição de sujeitos que assumem a palavra, incluídos no espaço de enunciação com direito a disputar o acesso ao objeto do dizer, a ocupar lugares que lhes foram negados.

Assim, os sentidos de *literatura negra*, nas cenas enunciativas aqui analisadas, trazem para o presente do acontecimento memoráveis que denunciam a invisibilidade funcionando no cânone literário brasileiro, mas que também apontam para novos caminhos, outras histórias, em que os sujeitos negros possam se ver como protagonistas, autores e autoras, personagens principais das suas “escrevivências”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Maria Conceição Evaristo de. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996. 162p.

BRITO, Maria Conceição Evaristo de. *Roda de Conversa no Programa Conexão Futura*, apresentado pela jornalista Juli Wexel, Canal Futura, em 08 de setembro de 2015. Disponível em: https://youtu.be/oc-GF_n9Vvk. Acesso em: 12 out. 2022.

BRITO, Maria Conceição Evaristo de. Escrevivência. In: *Leituras*

Brasileiras, 06 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/QXop KuvxevY>. Acesso em: 12 out. 2022.

CAMARGO, Oswaldo. *Por que Literatura Negra?* Disponível em: <https://youtu.be/DNQshJgwCzk>. Acesso em: 24 out. 2022.

CAMARGO, Oswaldo. *Entrevista* concedida a Milton César Nicolau, do Portal Afro, em 10 de dezembro de 2000. Disponível em: [https://www.portalafro.com.br/dados_seguranca/literatura/oswaldo/oswaldo.htm](https://www.portalaфро.com.br/dados_seguranca/literatura/oswaldo/oswaldo.htm). Acesso em: 12 out. 2022.

GUIMARÃES, Eduardo. *História e sentido na linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. *Semântica do acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. 2.ed. Campinas-SP: Pontes, 2005 [2002].

_____. Domínio semântico de determinação. In: ____; MOLLICA, M.C. *A palavra*: forma e sentido. Campinas: Pontes, 2007.

_____. A enumeração funcionamento enunciativo e sentido. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 51, n. 1, p. 49-68, Campinas, Jan./Jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637219>. Acesso em: 17 mar. 2015.

_____. Quando o eu se diz ele: análise enunciativa de um texto de publicidade. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 29, p. 15-40, jun. 2010. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/172>. Acesso em: 17 mar. 2015.

_____. *Semântica, enunciação e sentido*. Campinas-SP: Pontes, 2018.

KILOMBA, Grada [1968]. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. 1. ed. Trad. de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio*: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2007.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Proj. História-SP*, n. 16, p. 297-325, fev. 1998.

SOUZA, Neusa Santos [1983]. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: GRAAL, 2021.